

KIPLING E O BRASIL

Duflío BATTISTONI FILHO

Um dos grandes escritores de língua inglesa que povoaram nossa imaginação na adolescência, pela sua beleza, fantasia e idealismo foi o poeta, romancista e dramaturgo Rudyard Kipling. Quem o lê, fica, antes de mais nada, profundamente impressionado com a forte carga moral que se desprende de cada uma de suas páginas. Por essa razão, diante de uma figura como a dele, tão significativa e, sob certos aspectos, exemplar, cremos não ser tanto aos critérios estritamente literários a que devemos recorrer para compreender o valor de seu testemunho em nosso século, mas, de preferência, àquele que nos possa fazer medir a grandeza de uma consciência sempre coerentemente empenhada em encontrar uma resposta válida para a sede de justiça e liberdade que sabidamente marcou toda a sua obra.

Este notável homem de letras nasceu em 1865, na metrópole comercial da Índia Britânica, Bombaim, de cultos genitores ingleses, ambos filhos de pastores metodistas. Seu pai era professor de Arte e fora à Índia convidado para dirigir o Museu de Lahore, hoje, Paquistão.

“Rudy”, como era conhecido na intimidade, recebeu uma indelével iniciação afetiva ao mundo indiano de uma ama-seca, uma católica indo-portuguesa de Goa, depositária de um tesouro de provérbios, invocações e cantilenas infantis. Esses primeiros anos de sua infância passados na terra de Gandi, foram felizes para ele onde aprendeu a língua do país e pode sentir toda a sua magia.

Piores foram os anos seguintes, vividos na pequena cidade inglesa de Southsea, sob a vigilância cruel de uma preceptora extremamente sádica, em nome de princípios moralístico-religiosos. Nesta fase o menino se agarra a uma tábua de salvação: a leitura. Aprende rapidamente a ler para poder receber cartas e livros de casa. Lê a despeito da “bruxa” que lhe diminui inclusive este conforto. Lê até arruinar os olhos, impedindo prematuramente a tão sonhada e cobiçada carreira militar, e encaminhan-

do-se assim, sem o saber, em direção a uma vocação muito mais autêntica: a literatura. Os traumas infantis lhe causarão uma tendência irreversível à insônia e a depressão. Um médico chegou a lhe diagnosticar uma quase cegueira e ele é punido por isso, sendo segregado de sua irmã Trix, como um perigoso hipocondríaco. A mãe acorre da Índia e o menino ao vê-la, instintivamente esconde o rosto com os braços. Mas o garoto continua a ler bons livros quanto publicações sem valor, mas através daquele laboratório transformador que é a sua mente infantil, parte daquela bagagem sedimentada na memória e que será depois o ponto de partida, para algumas de suas obras mais importantes.

Aos 17 anos, após concluir seu período escolar na Inglaterra, retornou para companhia dos pais em Lahore. E no reino fantástico da rainha britânica e imperatriz indiana, Vitória, logo teve início a fascinante carreira do escritor como redator da Gazeta Militar e Civil da mesma cidade.

Nesses anos começam a aparecer seus primeiros livros, inicialmente recusados pelas grandes editoras, mas que circulam em pobres quiosques ferroviários indianos. Após uma permanência de sete anos na Índia, Kipling retorna à Inglaterra como autor já consagrado, especialmente quando a crítica inglesa tece loas ao seu romance "A luz que falhou", história de um pintor que fica cego. Nessa obra podemos constatar alguns fatos relacionados com sua vida, como por exemplo, a aridez e impiedade de algumas personagens femininas e a grande predileção pelo mundo da caserna. Na realidade podemos formular interessantes teorias notadamente psicanalísticas, freudianas mesmo, em muito de seus livros. No entanto, nós simples leitores, leigos no assunto, preferimos não nos deter em análise arriscadas, deixemo-las para os críticos literários. Para nós interessam mais a dignidade e a coragem dele na adversidade, que poderiam ter sido desastrosas, mas que se tornaram a força vital pela qual Kipling foi amado como o grande mestre do estoicismo.

Mesmo assim chegou a sofrer críticas de colegas literatos que torcem o nariz, ao considerá-lo grosseiro e presunçoso. Wells e Conrad, seus vizinhos de casa o desprezam, mas Kipling segue o seu caminho não dando ouvidos a seus concorrentes e adversários. Apesar da pouca saúde, não só visita, mas sobretudo se detém, com adesão e grande interesse, em lugares e com pessoas, na África do Sul, na Austrália, na Nova Zelândia e na Índia meridional. Escreve sobre pessoas e profissões, animais e máquinas, oceanos e desertos, campos e embarcações, com uma competência que maravilha até os especialistas.

Em 1892, ao visitar os Estados Unidos, resolve morar na cidadezinha de Battlboro, Estado de Vermont, onde reside por quatro anos, casa-se com uma americana e tornar-se pai de duas filhas. Trava amizade com Theodore Roosevelt e Mark Twain que lhe contam histórias fantásticas sobre costumes do Velho Oeste americano. Tanto é verdade que Kipling escolheu elementos americanos como estradas de ferro, a saga dos pioneiros e a vida dos pescadores na Nova Inglaterra como temas de suas histórias.

Foi em terras americanas que escreveu os dois livros mais fascinantes que a literatura universal, registra "Os dois livros das Selvas", repletos de histórias mirabolantes da mágica floresta tropical. Estes livros encantaram gerações. Quem não se recorda do menino Mógli, criado pelo bom lobo Akela, da sábia serpente Casca, do paciente urso Balu e dos desenfreados macacos sem lei? Toda esta história foi imortalizada em Hollywood, nos desenhos de Walt Disney e nos filmes encantadores interpretados pelo ator indiano, Sabu.

O mundo animal de Kipling que assume pensamentos humanos, políticos e morais, propunha com imagens brilhantes novos rumos para a fantasia, nobres metas em busca da própria identidade e felicidade. Mais do que o que se conta e até quem conta, pesa em literatura o como se conta. E para ele, escrever era um exercício de linguagem com toque de magia.

Também George Orwell com seu "Animal Farm" serviu-se da fantasia satírica dirigida contra o stalinismo ao mostrar-se um alegorista profético.

Este tipo de literatura torna-se atual na medida que nossa vereranda crença em um mundo racional e mecanizado está se fragmentando. Em uma era, que se caracteriza pelo avanço da ciência e tecnologia, pela guerra computadorizada, é impressionante também constatarmos o fascínio exercido pelos símbolos e motivos místicos que trazem de volta noções de um universo medieval encantado. Na verdade, tudo indica que o retorno do místico e do mágico tenha um significado mais amplo. Estão aí os trabalhos do acadêmico João Ribeiro Júnior a demonstrar.

Em 1898, Kipling visita a África do Sul como correspondente de guerra, para cobrir o conflito anglo-boer. Foi hóspede de Cecil Rhodes, o último aventureiro do imperialismo britânico, magnata dos diamantes e autor do ousado projeto da estrada de ferro Capetown-Cairo. Aí, Kipling escreveu os versos "O Fardo do Homem Branco" que lhe valeu a etiqueta de imperialista, poeta de uma raça eleita, a anglo-saxônica, à qual compete a tarefa de civilizar os povos atrasados. Tãmanha foi a repercussão dessa obra que Theodoro Roosevelt fez dela o seu "livro de cabeceira", quando presidente dos Estados Unidos ao inaugurar a política do "big stick".

Aqui devemos ressaltar que o tão propalado imperialismo do escritor não tem razão de ser, pois modernas pesquisas em universidades americanas provam que ele nunca se deixou levar por motivos racistas, não pertenceu à raça dos profetas, mas à dos testemunhos de uma época e que seu timbre indiano era forte demais para que pudesse se envolver em ofensas a países e povos.

Mais tarde estabelecendo-se em Sussex, Inglaterra, atingiria o zênite de sua carreira literária com a publicação do romance "KIM", em 1901, uma história comovente do órfão irlandês, Kimball O'Hara, o pequeno amigo de todo o mundo, ambientado nos recantos mais longínquos de Lahore, que, ao lado de um velho monje, faz longa peregrinação pelo norte da Índia em busca da água que o libertará do círculo dos apegos terrenos. Neste romance, revela-se a Índia com seus vilarejos e cidades, camponeses e comerciantes e suas diversas raças e castas. Segundo o crítico americano Edmund Wilson, Kipling, nesta ocasião, estava seriamente influenciado pelo Budismo e pela reencarnação. O mundo do além, do Lama voltaria em suas obras nas formas e situações mais diversas.

A ressonância de suas obras foi tal que Lord Baden-Powel, o fundador dos escoteiros, em 1915, pediu a Kipling que este autorizasse os Livros das Selvas como modelo do novo sistema educativo dos escoteiros-mirins. A sociedade com Powel foi um dos pontos mais favoráveis à fama do escritor. Além do mais torna-se membro exclusivo do sofisticado Clube Ateneu, além dos títulos honoríficos das universidades do Oxford e Cambridge.

Aos 42 anos, em 1907, no apogeu de sua carreira literária, recebeu o Prêmio Nobel pelo conjunto de suas obras. Era o justo reconhecimento e consagração a um autor tão estimado pelas elites com as demais classes sociais. Entretanto, mais tarde com a morte do filho John na Primeira Guerra Mundial, fruto de seu segundo casamento, sua vida se transformaria, perdendo conseqüentemente a seiva que o alimentara por muitos anos e a robusta e límpida inspiração. Este acontecimento o abala profundamente a ponto de buscar refúgio na leitura da Bíblia. No pequeno cenotáfio do filho após estas palavras: "A John. Deus sabe quem és".

Desiludido e para esquecer este infortúnio realiza uma série de viagens pelo mundo. Chegou a escapar ileso do terremoto de Tóquio em 1923. Esteve no Brasil, como veremos adiante, e redescobriu a França, um velho amor. Não podemos esquecer que um dos momentos mais gloriosos

de sua carreira literária foi a publicação de "If" poema de rara beleza e tão cultuado nos quatro cantos do universo, assim como os contos, "Gunga Din" e o "Homem que queria ser rei" adaptados ao cinema com grande sucesso.

Kipling morreu em 1936, retraído em sua casa de campo em Sussex pouco depois de completar 70 anos, 11 antes da independência da Índia. Levaram-no à sepultura, homens de ação, um general, um almirante e o primeiro-ministro de sua majestade. Nenhum literato o acompanhou. Mas seus restos mortais se encontram na Abadia de Westminster, lá no recanto reservado aos grandes poetas. Seu túmulo fica ao lado do de Charles Dickens.

Kipling sempre manifestou desejo de visitar um dia o Brasil. Era um sonho antigo. Nosso país sempre o fascinou, pelo seu exotismo, belezas naturais, convivência racial e pela leitura dos viajantes que por aqui passaram.

No carnaval de 1927 para cá aportou com a finalidade também de divulgar sua obra, conhecida somente através de edições inglesas, francesas e espanholas. É necessário destacar que saíram no Brasil, na década de 30, algumas brilhantes traduções como, "Mógli", "Jacalá, o crocodilo", ambas de Monteiro Lobato, sendo que Kim foi traduzido por Batista Pereira e o admirável "If", por Guilherme de Almeida.

Hospedando-se no Rio de Janeiro, no Hotel Glória, foi alvo de inúmeras homenagens de intelectualidade brasileira, especialmente aquela proporcionada pela Academia Brasileira de Letras, quando foi saudado por Rodrigo Otávio, seu presidente, segundo pelo acadêmico Gustavo Barroso.

Designado pelo presidente da República, Washington Luís, o escritor Antonio Batista Pereira foi o cicerone de Kipling quando este conheceu os pontos turísticos da Cidade Maravilhosa. Aliás, entre os dois nasceria uma sólida amizade que se atesta na correspondência que mantiveram.

Aqui abramos um parêntese e destaques um pouco a obra de Batista Pereira tão esquecida pelos brasileiros mas importantes para nós campineiros e paulistas.

Nascido no Rio Grande do Sul era ainda adolescente quando se mudou para São Paulo, tendo uma particular afeição pelos paulistas, já que lá cursou a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Afeiçoado às letras e à História era dotado de prodigiosa memória. segundo os analistas, reproduziu muitas vezes trechos inteiros dos nossos clássicos.

Foi sempre muito ligado a Campinas, pois, aqui viveu algum tempo quando, aos 21 anos de idade, no início do século, inscreveu-se ao concurso de provimento da cadeira de Literatura no tradicional Ginásio do Estado, hoje o nosso Culto à Ciência. Ficou em segundo lugar perdendo para o grande Coelho Neto. Conquanto não tivesse obtido o primeiro lugar, seu nome projetou-se no cenário cultural brasileiro, como o de uma grande esperança das letras nacionais, pelo talento e cultura que demonstrou em todas as provas.

Genro de Rui Barbosa, sempre dizia que em nosso Estado se encontravam os melhores exemplos de bustos do grande escritor baiano, de todos que conhecera no Brasil. Afirmava que Campinas, com seu civismo e patriotismo, tivera a honra de esculpir o primeiro busto do Brasil, inaugurado a 5 de novembro de 1924; o de Monte Azul Paulista primava pela sua beleza estética. Dou testemunho desta afirmação, pois residi durante algum tempo nessa última cidade.

Batista Pereira, inimigo da ditadura de Getúlio Vargas, foi um ardoroso defensor da causa paulista de 1932, quando chegou a ser preso no Rio de Janeiro. Na cela do presídio da Rua Frei Caneca fez circular entre os companheiros um jornal manuscrito, denominado "Diário da Capela", memorial dos dias ali passados e que mais tarde seria transformado em livro do mesmo nome.

Nesta ocasião Campinas foi palco dos bombardeios realizados pelos aviões da ditadura, e Batista Pereira, condoído pela situação da cidade, escreveu uma espécie de composição poética lírica a ela dedicada e que o acadêmico Odilon Nogueira e Matos em boa hora chegou a reproduzir duas vezes em sua Notícia Bibliográfica e Histórica. Quem não se recorda do refrão: Deus te guarde Campinas!

Muito teríamos que falar sobre sua obra histórica, mas outros historiadores já o fizeram notadamente na grande homenagem a ele realizada por ocasião do centenário de seu nascimento em 1980. Neste particular é digna de registro a atuação de instituições culturais e entre elas a Academia Paulista de História e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo pela lembrança do grande escritor.

De sua numerosa bibliografia ressaltamos alguns livros que permanecem como fontes inesgotáveis de estudo. Convém lembrar "Figuras do Império e outros ensaios", "Vultos e episódios do Brasil", além dos seus trabalhos sobre São Paulo e Rui Barbosa.

Todavia, deixemos de divagações e voltemos às andanças de Kipling pelo Rio de Janeiro. Sempre visitando os pontos de atração desta

cidade, encantou-se com a Baía da Guanabara, cuja beleza comentou: “pode haver águas mais belas em algum lugar, mas nem Sidney, nem Capetown, que eu sempre julguei supremos nos seus gêneros, podem comparar-se com estas em tamanho o qual afinal de contas, não importa muito - mas em indescritível diversidade, cor, amplitude e esplendor de cenários”.

Maravilhou-se com os foliões dançando nas ruas do Rio de Janeiro, num espetáculo riquíssimo de coreografia e exotismo. Achava que os brasileiros eram mais dados às cores do que os povos orientais. Comentou: “todos se vestem com todas as espécies de fantasias, enchem os carros, compram ilimitadas serpentinas de papel que se desenrolam metros e metros a um simples impulso. Durante três dias e três noites, ninguém faz nada senão andar pelas ruas, aglomerar-se e bombardear os vizinhos com serpentinas e esguichos de um terrível perfume”.

Estando no alto do Corcovado pôde descortinar uma vista panorâmica da cidade de indescritível beleza. Descendo pela hoje avenida Niemayer, observou que a praia lhe recordava o começo do Cabo da Boa Esperança, pela configuração e até pela cor da areia. Chegou a conversar com os pescadores locais, fazendo-lhes muitas perguntas acerca das condições de pesca e equipamentos.

Kipling tinha uma insaciável curiosidade por tudo, desde plantas, árvores, abelhas e formigas, pois herdara do pai o gosto pela flora e fauna, fruto de sua vivência na Índia. Dois lugares, entretanto, chamaram-lhe a atenção: um foi o Jardim Botânico, com suas palmeiras e vitória-régias, e o outro, a floresta da Tijuca, com sua cascatinha, na sua visão “verdadeiro oásis de primavera em pleno verão carioca”.

Depois visitou a Praça da República, o Largo da Carioca e o Mercado Municipal, divertindo-se com toda a parafernália ali encontrada, especialmente pelo grande número de pessoas que apostavam no Jogo do Bicho. Apesar de proibido continua sendo um passatempo nacional.

Durante uma hora, sempre em companhia de Batista Pereira percorreu a casa de Rui Barbosa no bairro de Botafogo. Surpreendeu-o a gigantesca biblioteca, riquíssima em obras famosas. Chegou a manusear vários livros e raridades bibliográficas como a Bíblia de James Tissot.

Achou excelente o estudo de Rui sobre Swift que na sua visão era superior ao de Taine.

Teceu rasgados elogios sobre a convivência fraterna das classes sociais, coisa que não observara na Inglaterra e colônias. Comentou: “ricos e pobres gozam de luxos sociais na escala mais ampla. Agora mesmo

acabaram de fazer um prado de corridas de cavalo num dos subúrbios do Rio, o qual encerra toda a beleza, colorido e arquitetura que se pode congrega numa paisagem”.

Depois de permanecer durante cinco dias no Rio, o escritor demonstrou desejos de conhecer São Paulo. Para isto viajou de vapor até Santos e em Cubatão visitou a Usina Ligt and Power. Surpreendeu-o o alto grau da engenharia da estrada de ferro Santos a São Paulo. Dissera aos engenheiros que era um verdadeiro prodígio a construção desta ferrovia numa região tão montanhosa.

Na cidade de São Paulo ficou surpreso com a movimentação do centro comercial, o vaivém das pessoas, muitas vendendo em seus carrinhos bugigangas e quinquilharias nas rua, lembrando no seu entendimento certas cidades indianas como Bombaim e Calcutá com alguma semelhança de Johannesburgo.

A seguir visitou o serpentário do Instituto Butantã e elogiou toda a sua organização. Pôde saciar o seu desejo de conhecer uma fazenda de café a sete quilômetros da cidade onde chegou a conversar com os colonos a respeito de detalhes de produção e comercialização. Disse a amigos que a natureza tinha sido dominada pelo homem pelo verde dos cafezais.

Kipling notara que os brasileiros estavam desinteressados dos problemas internos e externos da política cafeeira, já que o café, na ocasião, era a maior riqueza nacional, responsável por mais de 90% da exportação nacional e gerador de divisas para o país. O escritor ouvira de pessoas que Deus, sendo brasileiro, mandara safras excepcionais e geadas no momento certo, com isto a produção se reduziria e desta forma o mercado podia se estabilizar.

Em sua permanência no Brasil, Kipling escreveu uma série de artigos para o “Morning Star” de Londres. Na época, Assis Chateaubriand gerente de O Jornal, manda traduzir e publicá-los.

Em 1977 a Editora Record publicou o livro “Cenas Brasileiras” resultado da reunião destes artigos com tradução de Pinheiro Lemos, em uma bonita apresentação gráfica e que foi bem recebido pela crítica e pelo público brasileiros. É a fonte mais completa e acessível sobre a presença de Kipling no Brasil.

Para terminar este assunto podemos dizer que muitos escritores, jornalistas e intelectuais escreveram sobre ele. Para William Somerset Maughan “foi um maravilhoso contador de histórias, original e eclético, cheio de rica capacidade inventiva, cronista e poeta de valor inestimável, de

um mundo há muito naufragado". O poeta Guilherme de Almeida enaltecia o caráter popular de sua obra, lida em todos os cantos do planeta.

Kipling foi um grande devorador do mundo, espírito inquieto e visionário, uma espécie de Richard Burton, escritor e viajante inglês do século passado e cônsul no Brasil, tanto física como intelectualmente. Era o tipo de escritor que, em qualquer lugar que estivesse, jogava seus próprios sonhos na situação do momento. Um homem capaz de achar uma Idéia e lançar sua criatividade, como um turbilhão, em torno dela. Até hoje esse autor nos encanta com seus livros, pena que não sejam mais reeditados, cujas páginas transmitem o conceito de coragem máscula, de ação e do romantismo que infelizmente não existe mais.